

# *ivete camargos walty*

## BONECO: uma metáfora do Poder

### I – Introdução

O conto "O Jegue" de João Ubaldo Ribeiro nos oferece um material visivelmente social que, sem ser planfletário, denuncia uma estrutura sócio-político-econômica. Assumindo o papel de escritor "que vive da pena", João Ubaldo, na construção do texto, desvenda uma situação vigente na conjuntura atual, na burguesia capitalista. Aproveitando-se, direta e indiretamente, de dados históricos, ele organiza o texto, onde todos os elementos têm uma função a desempenhar, nada é gratuito.

### II – Os códigos sexual, alimentar e político-social

A estória de uma relação sexual entre os jegues Boneco e Suspiro na ilha de Itaparica, aparentemente de interesse erótico, leva-nos a um contexto político-social.

O código sexual, presente desde o título, representa outros códigos, o que possibilita várias leituras do conto, permitindo assim sua livre circulação, o que explica tenha sido publicado na revista *Homem*<sup>1</sup>, de tendências nitidamente eróticas.

*Jegue*, por si só, já significa indivíduo de grande potência sexual, é Boneco, protagonista da estória, é um "jegue de desmesurada tesão",

ousado e desrespeitador, cujo "negócio era comer". O verbo comer, da gíria referente ao sexo, relaciona-se à antropofagia e traz em si a união dos códigos sexual e alimentar. É bom lembrar que o nome Boneco, na gíria da imprensa entre repórteres, é o retrato de protagonista de fatos policiais. Além disto, ele não tem dono e é manipulado, de maneira invisível, como um fantoche. Boneco é, pois, o símbolo do Poder. O Poder é a força, a repressão, mas não é um indivíduo, uma pessoa, é manejado como num teatro de títeres, e, através dele, criam-se novos fantoches. Por isso, Boneco "jamais teve dono", ninguém queria ser seu dono, assumindo a responsabilidade de seus atos, o que o tornava invulnerável pois nem o delegado tinha coragem de atacá-lo porque ele não era "homem de duas pernas." Boneco traz em si sua força, seu poder, sua arma: a estrovença, a grande potência sexual, com que come os outros, no sentido antropofágico negativo, de assimilar para extinguir.

Também no nome da vítima de Boneco estão presentes os três códigos. A palavra suspiro designa gemido, lamento, ai, produzido por incômodo físico; tem ainda o significado de respiração profunda causada por saudades, numa acepção em que o aspecto amoroso encobre o sexual. Há ainda um doce feito de clara de ovos e muito açúcar, denominado suspiro numa referência direta ao código alimentar. Ora, Suspiro é comido, usufruído, e, inversamente, ele não come açúcar e depois passa a "não comer", verbo usado intransitivamente, no infinitivo, para ter todas as conotações necessárias.

Se Boneco é o Poder, Suspiro é o povo usado, espoliado, através de sua arma poderosa. O povo que é comido e não come. Aqui toda uma política sexual se faz sentir, se nos lembrarmos que a política burguesa tem como ponto básico a repressão à sexualidade, o que tem por conseqüência uma auto-depreciação da consciência do homem. O não comer se refere, pois, à ausência de qualquer ação. A relação sexual Boneco/Suspiro equivale à relação político-social-Poder/povo.

### III — A estrutura político-social-econômica

O que é apenas sugerido na primeira parte do conto se aclara, a seguir, com a revelação do efeito provocado pelo fato sobre o narrador. De forma direta e ousada, este estabelece uma fusão: Suspiro/povo integrado no sistema. Observemos que Suspiro é um jogue e, por isso, tem a forma do Boneco, o Poder. Wilhelm Reich<sup>2</sup> observa que, na pequena burguesia, há uma completa identificação do empregado médio, não próletário, com o Poder; o seu ser se transforma no sentido da classe dominante. Como veremos, Suspiro se identifica ao sistema, nunca relação de submissão e dependência.

O primeiro elemento a se destacar é justamente a massificação,

a desindividualização dos passageiros no ônibus, os pequenos burgueses, todos com cara de Suspiro, "abestalhado de desmoralizado". Depois há o aproveitamento direto das convenções sociais burguesas capitalistas. A formatura de Tonho, em que ele toma a cara de Suspiro, ainda "com beca e tudo", revela a sua integração no sistema vigente, onde o diploma é, antes de tudo, elemento de elevação do "status": A solenidade é uma demonstração pública de mais um degrau subido na escala social. A roupa é uma das principais necessidades do burguês, que "come mal e insuficientemente, mas atribui grande valor ao vestuário a preceito."<sup>3</sup> A beca, com o chapéu e tudo, é, pois, a fantasia, símbolo material da estrutura em que está integrado o cidadão, para realce da posição adquirida.

Outra convenção é o casamento, a constituição de mais uma família que, como veremos, é a estrutura básica do sistema social-democrático, a estrutura assimilada e defendida pelo Poder para difusão e conservação dos seus princípios. É, ainda, a possibilidade de realização da sexualidade reprimida, numa representação sancionada pela sociedade, através de uma solenidade, onde a roupa é também fantasia.

O consórcio de automóveis é outro elemento da sociedade de consumo, em que o homem é um mero objeto consumidor, levado a adquirir até mesmo o que está superior às suas posses. O automóvel é objeto de "status", que representa grande poder aquisitivo, o que dá ao sujeito um melhor lugar na sociedade. O interessante é que ele é adquirido pelo consórcio, a longo prazo, o que demonstra a força da publicidade sobre o indivíduo. Além do mais, é oferecido aos membros do consórcio um coquetel, que equivale à festa da formatura e do casamento.

Cada vez mais o homem se volta para o alto e se identifica com o Poder, com o Estado, com a Nação, assimilando a sua ideologia.

Outra realidade é o *BNH*. Realidade atual a que o povo está ligado. Ele tem casa adquirida pelo *BNH* e está subordinado a esse sistema, às suas regras, seus jurros, etc., durante, praticamente, toda a sua vida. Tem a ilusão de possuir um bem material que, ao invés de ser considerado essencial ao ser humano, representa elemento de projeção social, como o automóvel. É bom notar que o narrador não diz: — a minha casa adquirida pelo *BNH*, mas "o meu beeneagá", o que fica muito mais no nível da sigla, da letra, do papel.

Estas colocações se intensificam quando se sabe que "o beeneagazeiro", o dono do beeneagá, tem a cara de Boneco, "em sua expressão muar e seus olhos obscenos". Ora, o "beeneagazeiro" é uma autoridade, um representante do Poder, que se beneficia com a estrutura da organização. Outra vez, o código sexual se faz presente para indicar o político-social-econômico, através da expressão "olhos obscenos", o que denuncia o caráter imoral do sistema de aquisição de moradia do povo. A

seguir a cara do "beeneagazeiro" é relacionada com outros "poucos rostos", a maioria vista na televisão. A palavra "poucos" já retrata a minoria poderosa que não é explorada, mas exploradora. Esta minoria aparece sempre na TV, maior veículo de comunicação de massa, através do qual, alguns manipulam muitos. A uniformização dos gostos, a fabricação de desejos, a imposição de compras, se fazem constantemente pela TV. Assim sendo, o Poder difunde a sua ideologia que é assimilada por todos. A manipulação da opinião pública é a própria submissão do homem ao sistema. Boneco come Suspiro em cada instituição, em cada convenção social, em cada programa ou comercial de TV.

Outro dado a ser levantado é o do emprego oferecido ao Narrador por uma Companhia de Pensões e Pecúlios, em que se assegura o futuro da família. É o poupar para o futuro. Novamente se age com o dinheiro das pessoas, prometendo-lhes algo fictício e distante para um mundo feliz, "melhor e sorridente algum dia no arrebol." O uso insólito da palavra "arrebol" no texto trai toda a sua carga de idealismo e utopia, própria dos contos de fadas. Tal emprego seria, caso fosse aceito, a forma de integração do Narrador no sistema, onde o trabalho é o meio de aquisição de riqueza, num processo de exploração do outro. Ao se deixar atrair, de início, pelo salário, forma de sedução através da qual operar-se-ia o aliciamento, o Narrador se metamorfoseia em Suspiro. Como pode constatar através do espelho, ele se identifica com todos os outros, por força do Poder, o Outro.

#### IV — O papel do escritor na sociedade

Mas, se o Narrador, desde o início, se coloca como escritor, perguntamos:

— Foi o escritor deglutido pelo sistema? comò?

Antes de mais nada, vamos relacionar o escritor-narrador a outro personagem, Luís, o dono de Suspiro. O Narrador conta a estória por Luís e passa-lhe a palavra na parte principal do fato ocorrido. É, pois, o seu suplente. Luís tem elementos em comum com Suspiro, ou seja, vive no meio burguês e está a serviço do outro. É garçon, serve comida ao outro, é carregador de água, servindo às casas que podem pagar por ela. O importante é que, através do código alimentar, ele é aquele que serve à sua classe, e não, ao Poder. É o possível autor da "facçãozada" que pretende cortar "a estrovenga de Boneco", numa tentativa de castração às avessas, já que tenta castrar aquele que é o verdadeiro castrador. A "facçãozada" pode se relacionar com a forte dentadura de quem não come açúcar, isto é, não engole a ideologia dominante, foge à sua prepotência. Luís é, pois, o mediador entre Boneco e Suspiro, mediador que instaura o desequilíbrio e não o equilíbrio. É bom notar

que ele é gago, marcado, escolhido para a mediação porque não aceita a linguagem vigente. A gagueira é a concretização da recusa a esta linguagem com que se torna difícil romper. Outro dado interessante é ser ele respeitador das senhoras. Já se sabe que, na ideologia burguesa, o sexo é tabu para as mulheres, que têm a sua sexualidade abafada e substituída pela função reprodutora, numa idealização conveniente ao sistema para sua manutenção. Numa posição inversa, Boneco não respeita nem as senhoras, a ele tudo é permitido, até mesmo uma relação homossexual, o que é ainda mais aberrante, no contexto burguês. Luís, por sua vez, inserido que está neste mesmo contexto, passa a palavra ao Narrador que é "acostumado ao despudor", burlando assim a censura, a vigilância. Se o personagem-narrador é o suplente de Luís, ele é o mediador entre o Poder e o povo, e sua arma é o texto.

Voltemos à nossa proposição anterior: — como se situa o escritor na estrutura social vigente?

Se considerarmos que o escritor denuncia todo o processo de forma consciente, podemos afirmar que ele, embora confesse o contrário, não foi assimilado. Ele não é o escritor que só escreve o que lhe exige a sociedade de consumo, o que lhe dita o Poder. A narrativa confirma esta colocação, na medida em que se nota a rejeição do emprego, do alto salário de onde advém a "incapacidade de prover o seu sustento". A denúncia foi feita; "vivendo da pena", o escritor é consciente de seu papel na sociedade, não é um alienado, não faz ficção para camuflar realidades, mas para revelá-las; não para vender conceitos pré-estabelecidos ou para uniformizar os gastos; não está a serviço de Boneco, não se identifica com ele; está ao lado de Suspiro para ficar ao nível do povo, do comido, do usufruído.

## V — A família e sua função na estrutura social

Passemos agora a estudar a posição da família em relação a Narrador e, conseqüentemente, ao Poder.

De início o povo itaparicano é tratado como uma grande família ligada à ideologia dominante. Sua principal ocupação é o tratamento de temas cívicos. No dia 7 de janeiro<sup>4</sup>, "data magna" da ilha, tem-se o costume de xingar os portugueses, o que se relaciona à defesa da liberdade política do Brasil em toda a sua conotação ideológica. Ressaltamos que o Narrador se abstém desta prática e diz que o faz por comodismo, o que não é verdade.

A figura do avô é bastante significativa, recitando "o texto" a que empresta "efeitos ribombantes". O avô, figura do Pai, é o representante do Estado autoritário, que subjuga os filhos, num misto de severidade e proteção. Ele fala a linguagem do Poder, o seu texto que, como

podemos observar, está delimitado pelo artigo definido.

Outra personagem relevante é a de Edson Saldanha, contraponto do escritor, com quem rompe as relações de amizade. Elemento integrado à família, em oposição ao Narrador.

O primo Walter Ubaldo fala a mesma linguagem da família, a linguagem da alienação, "da ordem inversa", do convencional e acadêmico. É, em oposição ao Narrador, o escritor integrado pela família/Poder, e a serviço destes.

O elemento mais forte deste relacionamento é o primo **Zé do Neco** que "costurou a estremonha de Boneco com agulha e linha." É bom observar que também com ele, as relações do Narrador andam frias "para primos e parentes de confiança".

A relação Zé do Neco/Boneco começa ao nível do significante, na própria cadeia simbólica. Neco está contido em Boneco, sendo que **do Neco** é uma variação de **Bo-neco**. Além disso, o nome Zé, por ser comum, é descaracterizador, confirmando a nossa proposição inicial de que o Poder atua por mãos diversas. O elemento sexual é também marcante pelo fato de Zé do Neco ter como função transportar raparigas da cidade de Nazaré para a Ilha. A prostituição se opõe à família, mas é uma forma de conservá-la. Zé do Neco tem, ainda, uma grande potência sexual e poder de reprodução, já que tem "16 ou 23 ou 38 filhos, como seu pai e seu irmão," em oposição ao Narrador que não os tem. Observemos a continuidade do Poder, pai que transmite a sua ideologia, a inconsciência frente à realidade, e a esterilidade da consciência crítica..Num processo de inversão, o Narrador revela as verdadeiras intenções do Zé, que justifica seus atos aos olhos dos outros; a reconstituição do Poder e sua defesa.

O Narrador confessa que é proibido se contar a história na cidade. Essa proibição intensifica tudo que até agora afirmamos: o assunto é tabu e vale ao Narrador a exclusão do grupo itaparicano, da família itaparicana.

Continuando o nosso raciocínio, salientamos a reação de desgosto que a família teve ao se intear de sua recusa ao emprego. O escritor não se insere no sistema burguês capitalista. A família o aconselha a "não olhar para a cara de mais ninguém, porque quando essas coisas acontecem não há como combatê-las". Evidenciamos que a palavra família vem precedida de artigo definido e não do pronome possessivo "minha", o que a torna impossível de ser atacada. A passividade e a sujeição ao sistema, mais uma vez, se afirmam, agora na pessoa da mãe que, como suplente do pai, subjugada por ele, representa a proteção, a paciência, o carinho ideológicos. A sua frase "este menino nunca teve juízo" revela que ela o reconhece como diferente dos outros e só aceita porque ele é seu filho.

## VI – Conclusão

O escritor é diferente de seus familiares, é o suplente de Luís, dono do Suspiro; é o mediador entre o povo e o Poder e, ao lado da "falta de juízo", reconhece "apresentar uns problemas na idéia", que nada mais são que a consciência crítica, a percepção da necessidade de mudança para uma sociedade onde não haja Bonecos e Suspiros, minoria do Poder e maioria comida, usufruída, espoliada.

### NOTAS

1. RIBEIRO, João Ubaldo. "O jegue" in *Revista Homem*. Rio de Janeiro, Abril, fevereiro de 1977 - p. 75/79.
2. REICH, Wilhelm. "A ideologia da família na psicologia de massa do facismo" in *Psicologia de Massa do Facismo*. Porto, Escorpião, 1974 - p. 40/48.
3. REICH, Wilhem. Obra citada, p. 47.
4. "O dia 7 de janeiro, *datã magna* do município, é comemorado com muito *civismo*. Desperta a cidade sob uma salva de tiros e foguetes. Depois da missa solene, realiza-se uma passeata *cívica* conduzindo o carro do caboclo, e durante o seu percurso são proferidos *discursos* pelas *autoridades* locais e populares. À noite são promovidos bailes pelas associações recreativas."  
*Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* — Volume XX. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958.